

Álvaro B. Marques

# QUEM MATOU SAMORA MACHEL?



ulmeiro

## Dados Biográficos

(1) MIGUEL BUENDIA

(Os seus dados biográficos foram obtidos através de entrevista, um pouco alongada, mas que nos parece com matéria histórica de interesse).

— Nasci em Espanha, em 1944, na Espanha do fascismo. Fui sacerdote, fui Padre católico e fiz parte de um grupo conhecido, em Moçambique, como "os padres de Burgos". Toda a minha vida é de estudante. Consegui libertar--me da educação fascista, que todos os espanhóis daquela época recebiam e comecei por descobrir o que foi a guerra civil de Espanha.

— *Que idade tinhas?*

— Quando comecei a descobrir tudo isto, tinha 16 anos. Momento em que começo a distanciar-me, a interrogar-me. Ouvi as explicações da "outra Espanha" e, a partir dos 16 anos, tive a oportunidade de conviver com outros que viveram a "Espanha do outro lado" e tal fez-me questionar muitas coisas. A partir daí, há todo um caminho, que se liga muito à religião cristã e de distanciamento da ditadura franquista. Ao mesmo tempo, tinha a minha fé, como crente, construindo uma fé em Deus, que não podia comungar com a falta de liberdade, com a opressão e com a exploração do homem pelo homem. Com, estas ideias, mais ou menos ordenadas, mais ou menos vividas.

faz-se a prática. Vim para Moçambique. Aqui, encontro-me no meio da guerra colonial.

— *Em que ano vieste?*

— Em Dezembro de 1970.

— *Como padre.*

— Sim, como padre. Encontro-me a viver os últimos anos da guerra colonial. A guerra colonial já estava a aproximar-se do centro do país, onde a contradição era clara, pelo menos para mim. Com as minhas ideias ou com a minha maneira de entender ser cristão e ainda a vivência com os meus companheiros, que viviam aqui há mais tempo, não havia qualquer dúvida onde me tinha de colocar. Coloquei-me do lado de que o povo de Moçambique tinha direito à sua independência. É verdade que a estrutura e o processo colonial impediam, aberta e claramente, uma pessoa de dizer tudo aquilo que queria e sentia. Daí que a nossa acção era clandestina, com a preocupação de fazer ver aos nossos cristãos, pelo menos àqueles que viviam mais perto de nós, que a luta pela independência fazia parte dum... dum "querer ser", querer fazer. Que Deus não estava divorciado da liberdade do povo moçambicano; que Deus estava ao lado dos oprimidos. No entanto, havia toda uma igreja, toda uma instituição, que abençoava os canhões. Nesta situação, estive em ruptura com a posição oficial da igreja. É neste contexto que aparece o nosso apoio a jovens moçambicanos que pretendiam juntar-se à Frente de Libertação de Moçambique. A PIDE conseguiu apanhar alguns desses jovens.

— *Em que local estavas?*

— Em Murraça, Província de Sofala. Esses jovens foram torturados e, sob tortura, confessaram que tinham sido obrigados e apoiados por mim, que tinham estado em minha casa, que eu lhes tinha facilitado a fuga, via Malawi.

— *Eram jovens católicos?*

— Sim, jovens que vinham de Chimoio, antiga Vila Pery e que, em contacto com outros companheiros, tinham uma rede. Eles confessaram praticamente tudo. A PIDE nunca foi capaz de utilizar abertamente estas informações. A única razão que o Bispo recebeu, como justificação para a nossa expulsão do país, em 1973, foi que, em tempo de guerra, o governo tem direito a defender-se.

— *A que atribuis a PI DE não ter sido clara, nessa altura?*

— Eles nunca utilizaram o argumento de que nós apoiávamos a FRE-IMO, pois tinham obtido essas informações através de pessoas que estavam ser torturadas.

— *Quem era o Bispo?*

— Acabava de chegar. Morreu dois dias depois da nossa expulsão do país, de um ataque de coração. D. Altino Ribeiro Santana. Tinha sido Bispo de Angola, em Sá da Bandeira; veio para Moçambique e encontrou uma situação muito difícil.

— *De que lado se colocou?*

— Era uma pessoa cheia de medo. Encontrou-se perante uma situação de conflito e não tomou uma posição aberta e clara, mas penso que a sua morte pode significar de que lado estava. Foi vítima precisamente das pressões que o colonialismo exerceu sobre ele. Lembro-me de que ele me foi avisar, rompendo um compromisso de segredo, que tinha prometido ao Governador da terra, Sousa Teles, de que nós iríamos ser expulsos. Ele tinha o seu motorista ao lado. Pegou num carro e foi até ao Chimoio, onde eu estava na altura. Fez 100 quilómetros para nos alertar de que viria a PIDE e que esta revistaria as nossas casas. Disse: "Não o posso evitar. Não tenho poderes e, ainda mais: 'vocês são brancos'". Complexo. Tragédia. E não conseguiu sobreviver.

— *Bem, o Bispo deu-te a informação. E depois?*

— Ainda vim a Lourenço Marques, ao julgamento dos padres de Macuti. Depois fui expulso do país, no dia 19 de Fevereiro de 1973 e regresso a Espanha, com uma ideia fixa. Acho que o processo moçambicano me envolveu. Aquilo que era apenas uma ideia, quando aqui cheguei, materializou-se. Em Espanha tive ofertas para continuar a estudar. Recusei. Queria voltar para cá. Procurei, então, uma solução que me colocasse perto de Moçambique, a mim e aos meus companheiros. Apresentou-se-nos, então, a hipótese de ir para a Zâmbia, ainda como padres, para umas missões que ficavam perto da fronteira com Moçambique.

— *Um momento, Miguel. É quando partes, em 1973, que levas os documentos?*

—: É verdade. Foi comigo o primeiro relatório sobre os massacres de Wyriamo. Fui revistado no aeroporto e tive sorte. Levava alguns livros, que foram cuidadosamente revistados, página por página. O relatório estava no bolso do casaco e, penso, não tiveram coragem de me revistar. Mais tarde, a outros padres puseram-nos em cuecas. Tinha-lhes servido a lição. Assim, consegui passar para o exterior esse importante documento. Mais tarde, até à minha ida para Inglaterra, a fim de estudar a língua, para a colocação na Zâmbia, trabalhei com alguns companheiros na elaboração de um dossier, a denúncia dos massacres, dos crimes de guerra em Moçambique, que ficaram conhecidos pelos "Massacres de Wyriano e Mucumbura" e que teve uma certa influência nos meios internacionais. Tínhamos planificado que a denúncia não ficasse apenas como "escândalo jornalístico", mas sim que chegasse às instâncias superiores, como as das Nações Unidas. Conseguimos.

"Dá-se a circunstância de se realizarem, em Londres, as comemorações do 400.º aniversário da mais velha aliança, do mundo: entre Portugal e a Inglaterra, com a visita, ali, de Marcelo Caetano.

"Hastings, especialista em assuntos africanos, tinha sido convidado para falar no Parlamento, preparando-se ele para denunciar, em tal local, os massacres em Moçambique. Soube-se da sua intenção, enquanto um grupo de portugueses progressistas preparava a "recepção" a Marcelo Caetano. "Convidado" a não falar no Parlamento, Hasting utiliza então as páginas do conceituado "Times", onde divulga todas as informações recebidas de nós.

"O padre Hasting fez um trabalho muito sério, tão sério que nos interrogou um por um. Era séria a denúncia que ia fazer; tinha de estar muito seguro da sua veracidade. Esse mês de trabalho (pois o Governo Português apressou-se a negar e nós a confirmar), foi uma experiência para mim muito interessante. Naquele mês, Moçambique esteve nas primeiras páginas dos jornais, em todo o mundo.

— *Bem, foste para a Zâmbia.*

— Como disse, fui primeiro a Inglaterra, com os companheiros, aprender inglês. Em Fevereiro de 74, tivemos a sorte de conhecermos o primeiro dirigente da FRELIMO. Tínhamos já tido a oportunidade de conhecer alguns comandantes, em Mucumbura, em Uncanha, mas nunca um contacto a nível de direcção. Foi durante uma visita que Óscar Monteiro fez a Londres. Falámos com ele longamente. De facto, ele tinha muita informação a nosso respeito. Mais tarde soubemos quem é que dava essas informações.

"Os dois encontros com Óscar Monteiro foram muito importantes. Disse--nos, então: "Acho que seria interessante vocês numa carta, escreverem toda a vossa experiência e propósitos futuros, para eu a levar ao Presidente Samora.

Escrevemos. Seguiu para o Presidente. Veio uma resposta bonita. Comovente. (\*)

Assim, escolhemos para ir a Dar-Es-Salam, o José Maria e o Vicente Berenguer onde, com a direcção da FRELIMO, viram o que era a Frente de Libertação.

"Estando os nossos companheiros ali, no mês de Abril, apanharam lá o 25. Meses antes, num encontro com Janette Mondlane, em Londres, dizia-nos ela que a luta seria longa, que ainda faltava muito tempo. O próprio Óscar Monteiro também nos afirmara que ainda seriam necessários mais 4 ou 5 anos. Portanto, o 25 de Abril apanha um pouco de surpresa a FRELIMO. "Bem, o que interessa é que as coisas mudam e, então, recebemos a tarefa de dar a conhecer à Frente, agora mais profundamente, por que é que tivemos tanto cuidado com a denúncia dos massacres de Wryriamo e de Mucumbura. "O 25 de Abril gerou confusão e oportunismo. Apareceram grupos que nada fizeram e que, à última da hora, se queriam colocar ao lado da FRELIMO. Era importante dizer ao mundo quem é que lutou e qual era o tipo de projecto. Foi o que fizemos.

"Bem, depois do 25 de Abril, recebemos convites de certas personalidades do Governo português (não interessa ainda dizer os seus nomes...). Tínhamos criado um nome, logo, o nosso regresso a Moçambique, no tempo da confusão, talvez tivesse sido uma arma... davam-nos todas as facilidades, viagens pagas, tudo pago. Dissemos que não.

— *Esclarece.*

— Queriam simplesmente dizer "Está tudo bem. Já chegou a liberdade a Moçambique". Respondemos que só voltaríamos a Moçambique quando lá estivesse quem de direito, a FRELIMO. E assim o fizemos, em 15 de Novembro.

"Voltámos como padres, mas com muitas interrogantes. De qual seria a posição da igreja, que esteve totalmente engajada contra o povo moçambicano, ao lado do colonialismo português. Mas vínhamos também com uma certa esperança de que o resto de uma pequena igreja, um pequeno grupo, se tivesse distanciado; com uma certa esperança que esse grupo crescesse. Mas vínhamos com muitas dúvidas. O que significaria ser padre, com todo um passado de uma igreja reaccionária, num país novo, em transformação?

"Chegou a altura em que uns continuaram como padres, sem renunciar à sua posição ao lado do povo, mas vivendo numa contradição. Eu e outros

(\*) No Anexo B, reproduzimos, em *fac-simile*, a referida resposta.

companheiros sentimo-nos deslocados. Sentimo-nos divididos. Foi o momento de mudar. Não posso enganar um povo, porque, a igreja que eles vêem, através de mim, não existe em Moçambique.

"Começa a minha contradição.

— *E surge a "carta dos padres de Burgos".*

— Sim, foi o último acto que fizemos como grupo, depois das nacionalizações da educação e da saúde. Escrevemos esse documento, onde nos declaramos cristãos e marxistas. E dizíamos, claramente, que impediríamos a utilização do Evangelho, contra os interesses do povo de Moçambique. Esta posição já tinha sido tomada por outros cristãos e padres, em várias partes do mundo, mas em declarações anónimas, para impedir represálias. Esta nossa declaração provocou uma intervenção de Roma, na Direcção dos Padres de Burgos, que foi demitida. O Vaticano tomou, além disso, outras medidas... Esta actuação do Vaticano encheu o copo da nossa paciência e levou alguns, dos que estávamos em Moçambique, a deixar a Igreja.

A partir desse momento, dediquei-me totalmente ao trabalho com camponeses, perto do Chimoio, no coração de uma aldeia comunal e a dar aulas numa escola secundária.

Mais tarde vim para Maputo, onde trabalho no Ministério da Educação, num projecto muito bonito, que é o ensino à distância.